

# Na vanguarda da Medicina Nuclear



Foi o primeiro serviço de Medicina Nuclear privado em Lisboa. Na altura, a capital apenas contava com os serviços públicos do Instituto Português de Oncologia e da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Hoje, o cenário é completamente diferente, com o aparecimento de múltiplos serviços públicos e privados, contudo a Atomedical continua firmemente posicionada como uma referência nacional na especialidade.

Guilhermina Cantinho, reconhecida Médica Especialista em Medicina Nuclear e Diretora Clínica da Atomedical, foi uma das pessoas que estiveram na base desta iniciativa, há quase três décadas.

Em diálogo connosco, o balanço que nos faz da trajetória realizada é claramente positivo: “A preocupação que temos é: o que fazemos, fazemo-lo bem. Esta atitude persistente cria consistência na nossa atividade e está na base da sustentabilidade do nosso serviço ao longo destes 30 anos. Apesar dos numerosos serviços de Medicina Nuclear criados, sobretudo nestes últimos 15 anos, públicos e privados, o profissionalismo, trabalho e dedicação, permitiram a expansão da Atomedical em 1996. Mudámos de umas instalações pequenas para as atuais, com cerca de 600 metros quadrados”.

Continuando, “Os nossos resultados são tanto mais gratifi-

cantes, já que temos consciência que agora não somos os únicos.

Mantivemos a mesma atitude inicial, apostando na qualidade e por isso, tentando estar sempre a par dos últimos desenvolvimentos tecnológicos com aquisição de equipamentos de última geração /topo de gama.

A par dos desenvolvimentos tecnológicos, temos tido a preocupação na formação contínua de todos os colaboradores, médicos, técnicos e não só.

O retorno tem sido sempre positivo, quer na qualidade a nível científico, como também a nível humano, relativamente ao serviço prestado”

Ao mesmo tempo, realça ainda o interesse em “manter instala-

**A Atomedical foi um projeto pioneiro a nível nacional na área da Medicina Nuclear. Fundada em 1987 tem apostado continuamente na sofisticação da qualidade dos seus serviços, tanto nos meios técnicos que utiliza como da formação dos seus profissionais.**

ções que, dentro do gosto pessoal, são um espaço confortável mas também alegre”.

Este conjunto de fatores tem levado a que, como diz, “passados tantos anos, todos continuam a gostar de trabalhar aqui, a dar o seu melhor, com simpatia e boa disposição. Há um bom ambiente entre todos nós e isso transmite-se aos doentes que se sentem confortáveis connosco”, facto que agradeço a todos que comigo trabalham.

Tudo isto tem sido possível, mesmo tendo em consideração que se trata de um projeto independente. Guilhermina Cantinho sublinha, “não temos por trás nenhuma entidade financeira ou grupo económico, o que no nosso caso exige ponderação e análise cuidada para novos investimentos. Contudo, em equilíbrio com “uma gestão financeira muito cuidada”, a aposta na vanguarda tecnológica continua viva. O melhor exemplo está, nomeadamente, na mais recente das três câmaras-gama que aqui se encontram, adquirida em 2014, tendo sido a quarta do respetivo modelo (GE Optima NM/CT 640) a ser instalada na Europa e a primeira na Península Ibérica.

Sobre as expectativas para a continuidade da Atomedical, contamos com Fernando Godinho, também fundador e responsável. O Especialista em Biofísica avança que “este ano deverá iniciar-se uma grande mudança estratégica para a Atomedical”.

## Um diagnóstico mais precoce

A atividade da Atomedical centra-se na realização de cintigrafias, termo dado aos exames próprios da Medicina Nuclear. Esclarecendo-nos acerca daquilo em que esta prática consiste, Guilhermina Cantinho diz: “A cintigrafia, para fácil compreensão, é parecida com a radiografia. Na cintigrafia, utilizamos uma fonte de radiação (radiação gama) que é semelhante à radiação X. No Rx, a radiação atravessa o doente, sendo a imagem consequência das diferentes densidades dos tecidos. A imagem obtida traduz a morfologia dos órgãos, o que permite aferir da sua normalidade. Na Medicina Nuclear, usamos radiação gama, mas o doente é que transmite essa radiação. O emissor de radiação é ligado a um fármaco dirigido a um determinado órgão. Posteriormente, um detetor específico de radiações, câmara-gama, faz a leitura da distribuição do produto radioativo no interior do corpo”.

Sobre a grande vantagem deste método, explica-nos: “Antes de se alterar a forma é preciso que se altere a função, e quando os nossos olhos detetam uma alteração da forma é porque há milhares de células funcionalmente alteradas que já produziram essa alteração. Deste modo, uma das grandes mais-valias da Medicina Nuclear é a capacidade de avaliar precocemente alterações da função ou do metabolismo celular a que não correspondem ainda alterações da morfologia, o que em determinadas pa-

tologias permite decisões terapêuticas no estadio inicial da doença”.

As áreas privilegiadas das aplicações da Medicina Nuclear são as patologias de maior incidência nos países ditos desenvolvidos: em Cardiologia, na investigação da Doença Coronária e em Oncologia, utilizando não só as clássicas cintigrafias ósseas para avaliação de metástases, sobretudo nos carcinomas da próstata e mama, mas também novos marcadores específicos para outros tumores.

Contudo, o grande avanço deu-se com o aparecimento da Tomografia de Positrões (PET) cujas indicações mais abrangentes na investigação de outros tumores têm permitido terapêuticas mais precoces, por isso mais eficazes e muitas vezes personalizadas, tecnologia que presentemente a Atomedical não possui, mas que se insere nos projetos futuros.

A nossa interlocutora acredita no grande potencial da técnica PET que se tornou indispensável com o desenvolvimento dos equipamentos híbridos (PET/CT e PET/RM) “a expansão vai ser enorme”, antevendo que, “tendo

em conta o desenvolvimento de biomarcadores, a Medicina Nuclear vai permitir no futuro a caracterização de patologias hoje de difícil compreensão e por isso de difícil terapêutica”. Um exemplo que nos dá é “o caso das demências, área na qual estão a ser aplicados grandes investimentos na investigação de biomarcadores, alguns deles já a serem utilizados na prática clínica”.

### A questão da radiação

Questionada sobre as dúvidas que isto ainda levanta junto do público, Guilhermina Cantinho nota que “de facto, fala-se muito no problema das doses de radiação que os doentes absorvem na realização dos exames, mas com os equipamentos atuais, as doses são todas muito baixas. Os equipamentos de última geração na área da Medicina Nuclear permitem uma redução da dose administrada até um quarto”.

Sobre o controlo das doses, “é verdade que se os exames não forem utilizados criteriosamente, a dose cumulativa vai crescendo ao



longo da vida (trata-se do conjunto de todos os exames efetuados em que os exames radiológicos são os mais frequentes), problema mais grave há uns anos. Atualmente, a existência de recomendações e a utilização de critérios apropriados para a sua realização, aceites e publicados pelas Sociedades Científicas tem contribuído para uma seleção criteriosa dos exames e dos doentes que deles podem beneficiar.

### Panorama português da Medicina Nuclear

A entrada da nossa entrevista para a especialidade deu-se em 1981. Convidada a partilhar connosco a forma como tem observado a sua evolução, fala-nos de “um desenvolvimento científico e tecnológico extraordinário”. Um desenvolvimento que não tem dúvidas em afirmar se esten-

de aos “Especialistas nacionais que se equiparam aos de qualquer país desenvolvido”.

Já quanto à cobertura nacional de serviços, nota que “estamos atrás de outros países quando nos comparamos com a Europa e a América do Norte. Existem poucos serviços de Medicina Nuclear, sobretudo públicos, estando centralizados em Lisboa, Porto e Coimbra (os públicos) e há mais serviços privados do que públicos”. O maior hospital do país (Hospital Santa Maria) não dispõe desta Especialidade, assim como os Hospitais Cívicos de Lisboa.

Guilhermina Cantinho defende que “tem que ser feito um esforço de criação de novos serviços”.

Esta insuficiência dificulta o acesso dos doentes e “condiciona também a formação de profissionais. A solução passa por uma análise das necessidades, com vista a definir os locais prioritá-

rios, descentralizando a Medicina Nuclear, considerando sempre que na Medicina Nuclear, os equipamentos são dispendiosos e têm de ser rentabilizados.

Em termos comparativos com o resto da Europa, também há carência relativamente a equipamentos. Fala-nos, nomeadamente, dos aparelhos de Tomografia por Emissão de Positrões (PET/CT), que correspondem a “uma técnica que apesar de dispendiosa, é uma mais-valia irrefutável na abordagem da doença oncológica, sobretudo no estadiamento (avaliação da extensão da doença), cujo benefício é claramente custo-eficaz”. Sobre esta lacuna, a Especialista diz-nos que “a Dinamarca, com 5,4 milhões de habitantes, tem 34 destes equipamentos, enquanto em Portugal existem onze”. Exemplos como este são fontes de inspiração, estimulando-nos para perseguir os nossos objetivos.



ATO  
laboratório  
MEDI  
de medicina  
CAL  
nuclear

Rua Helena Félix, 11 D. 1600-121 Lisboa • Telefone: [+351] 217 994 730 Fax: [+351] 217 994 738 • [www.atomedical.pt](http://www.atomedical.pt)